

VIVÊNCIAS DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS POR MEIO DA MÚSICA ENTRE UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Um relato de experiência

Estefane Alves Gomes¹
Gustavo Henrique Machado Tenório Corrêa²
Lucas Mateus Ribeiro Mesquita³

RESUMO

A pesquisa investiga o impacto das vivências de práticas antirracistas por meio da música entre universitários do curso de Educação Física, com foco na conscientização, reflexão e desconstrução do racismo, bem como na formação de profissionais comprometidos com a igualdade racial e a valorização da diversidade. A metodologia utilizada é O estudo é um relato de experiência com abordagem mista, no qual os dados foram coletados por meio de um questionário. Durante a pesquisa, foram trabalhadas letras de músicas, que foram cantadas e debatidas pelos alunos. A análise dos dados foi realizada utilizando o Excel e a técnica de análise de conteúdo. A pesquisa conclui que as vivências de práticas antirracistas por meio da música impactam positivamente na conscientização, reflexão e desconstrução de estereótipos raciais entre os universitários do curso de Educação Física. A música pode ser uma ferramenta eficaz para promover a formação de profissionais, desde que adaptada ao contexto escolar.

Palavras-chaves: Ensino Superior. Racismo. Música.

INTRODUÇÃO

O problema da pesquisa é qual é o impacto das vivências de práticas antirracistas por meio da música entre universitários do curso de Educação Física na conscientização, reflexão e desconstrução do racismo, bem como na formação de profissionais comprometidos com a igualdade racial e a valorização da diversidade?

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar o impacto das vivências de práticas antirracistas por meio da música entre universitários do curso de Educação Física. Para alcançar os propósitos da pesquisa foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos. Analisar a percepção dos universitários do curso de Educação Física em relação às vivências de práticas antirracistas por meio da música. Avaliar a efetividade das atividades e estratégias utilizadas nas vivências de práticas antirracistas por meio da música. Investigar as mudanças de atitudes e comportamentos dos universitários em relação ao racismo após participarem das vivências de práticas antirracistas por meio da música.

Este estudo visa responder a três questões norteadoras sobre as vivências de práticas antirracistas por meio da música entre universitários do curso de Educação Física. Primeiro, como os universitários percebem e compreendem o papel da música como ferramenta para promover a conscientização e reflexão sobre o racismo? Segundo, de que forma as atividades e

¹ Acadêmica do 5 período do curso de licenciatura em educação física da UEPa. E-mail: estefane@gmail.com.

² Acadêmico do 5 período do curso de licenciatura em educação física da UEPa.

³ Acadêmico do 5 período do curso de licenciatura em educação física da UEPa.

estratégias utilizadas nas vivências antirracistas por meio da música impactam a desconstrução de estereótipos raciais e a valorização da diversidade entre os universitários? Por fim, quais são as mudanças de atitudes e comportamentos dos universitários em relação ao racismo após participarem das vivências de práticas antirracistas por meio da música? A investigação dessas questões fornecerá insights importantes sobre a efetividade dessas vivências e seu potencial para a formação de profissionais de Educação Física engajados na promoção da igualdade racial.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. RACISMO

Para falar de racismo, inicialmente há de se explicar o conceito de raça, etnia e o privilégio branco. O conceito de raça segundo a obra “Como trabalhar com raça na sociologia” do autor Guimarães (2003) a sociologia enxerga a raça como vários discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais e pelo sangue. Ou seja, toda identidade de seus antepassados, dos seus traços regionais e de sua cultura, estará vivo no presente.

Cashmore (2000) estabelece que grupo étnico é composto por pessoas com origens e interesses comuns, com algum grau de solidariedade e coerência, unidas ou próximas por experiências compartilhadas, que muitas vezes são privações. A etnia surge como um fenômeno cultural, no qual os indivíduos do grupo conformarão os seus próprios costumes, crenças e instituições. O racismo define-se como um sistema estrutural e ideológico que promove a superioridade de determinados grupos étnicos em relação a outros, resultando em discriminação, preconceito e privilégio aos que têm características raciais percebidas.

Já o professor e intelectual Silvio Almeida (2021) classifica o racismo em três concepções. Primeiramente, a concepção Individualista que são discriminações diretas à quem possui características físicas de uma determinada raça.

Racismo Institucional: Esse tipo de concepção vai além de uma individualidade, afeta uma coletividade seletiva de pessoas. Fica evidente quando há uma pesquisa em órgãos públicos e de empresas privadas onde os cargos de mais alto poder são ocupados por brancos e, na maioria dos casos, são homens. Stokely Carmichael e Charles V. Hamilton em seu livro "Black Power: The Politics of Liberation" (1967). Eles descreveram o racismo institucional como a maneira pela qual as instituições sociais, políticas e econômicas perpetuam discriminação racial de maneira sistemática, mesmo sem a intenção explícita de indivíduos

O racismo Estrutural é um processo histórico e político é um sistema de opressão normalizado que nega direito aos negros. Ao longo do tempo a luta pelos direitos e as práticas antirracista vem se tornando forte na atualidade.

Tendo em vista o crescimento dessas lutas de causa, o autor contemporâneo Ibram X. Kendi em sua obra “Como ser um Antirracista” (2020) explora o racismo sistêmico, o privilégio branco e a necessidade de uma mudança ativa para exterminar essas estruturas discriminatórias. O escritor também propõe que ser antirracista não é apenas não ser racista, mas fielmente combater as estruturas políticas que cercam o racismo.

Segundo Almeida (2019), o racismo se perpetua como elemento estruturante da sociedade e precisa produzir uma explicação racional para a desigualdade racial, justificando as desigualdades não por fatores históricos, sociais e falta de políticas reparativas, mas desconsiderando privilégios, e partindo da falácia de que todos tiveram as mesmas oportunidades dentro da sociedade.

O conceito de privilégio branco refere-se às vantagens sociais, políticas e econômicas que pessoas brancas têm em virtude de sua raça. DiAngelo (2020) enfatiza a importância de reconhecer o privilégio branco para promover conversas construtivas sobre equidade racial. Em sua obra “White Fragility” (2020), o autor destaca como o privilégio branco se manifesta não apenas em privilégios tangíveis, mas também na dificuldade em lidar com questões raciais sem se sentir atacado.

Shucman (2020) A branquitude é um lugar de privilégio nas sociedades estruturadas pelo racismo. Isso se repete em todas as sociedades de passado colonial— quase todas no mundo, portanto. Talvez não seja assim entre os esquimós. Entre eles, talvez a brancura da pele não signifique branquitude

2.2. PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

Munanga, (2003) diz que o antirracismo se caracteriza como um conjunto de ações que se opõem de forma veemente ao racismo presente em todas as estruturas de poder. A concepção de raça teve sua origem há tempos remotos, estabelecendo uma divisão entre diferentes etnias e segregando a população com base em características como cor, atributos físicos, biológicos e culturais. Nesse contexto, o termo "antirracismo" tem sido empregado há décadas com o intuito de fortalecer ideologias e comportamentos que se posicionam de maneira contrária ao racismo.

2.3. REPRESENTATIVIDADE NEGRA

A representatividade negra, também conhecida como representatividade racial, refere-se à importância de incluir e destacar indivíduos e vozes da comunidade negra em diversos setores da sociedade, tais como mídia, política, cultura, educação e negócios.

O professor e antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga (2003) afirma que no século XV, durante a expansão europeia, ao se depararem com outros povos, os europeus sentiram a necessidade de explicar suas diferenças, resultando na classificação das raças.

Guimarães (1999) diz que o conceito de raça não possui fundamentos na realidade natural, e o racismo funciona como uma maneira de 'naturalizar' a vida social, ou seja, de atribuir explicações para diferenças sociais, culturais e pessoais com base em diferenças consideradas como inatas.

A representatividade negra trata-se da presença e valorização das experiências, histórias e contribuições da comunidade negra em espaços que historicamente foram dominados por pessoas brancas. Nesse sentido, Kendi (2020) diz que Adotar uma postura antirracista implica em criar definições claras para o racismo/antirracismo, políticas racistas/antirracistas, ideias racistas/antirracistas e pessoas racistas/antirracistas. Por outro lado, ser racista significa visitar constantemente a definição do racismo de maneira a absorver as alterações nas políticas, ideias e subjetividades.

Munanga (2003) diz que a representatividade negra não se limita apenas à presença física, mas também à diversidade de vozes, ideias e perspectivas, incluindo diferentes origens étnicas, culturais, sociais e experiências de vida. Busca-se, assim, criar uma sociedade mais inclusiva e igualitária, onde todos tenham oportunidades equitativas e se sintam representados e respeitados.

2.4. MÚSICA COMO ASPECTO PEDAGÓGICO

A música desempenha um papel significativo no contexto pedagógico, contribuindo para o desenvolvimento holístico dos indivíduos em várias áreas. Além disso, a aprendizagem musical estimula o desenvolvimento cognitivo, melhorando habilidades como memória, atenção e raciocínio lógico.

Pederiva (2009) ressalta que, além da base biológica que nos proporciona a capacidade de expressão corporal musical, é com a cultura que se desenvolve a musicalidade. Isso ocorre durante a apropriação das ferramentas, atividades e signos artísticos e musicais, bem como na interação com as pessoas. Portanto, o envolvimento com a música pode ajudar os alunos a entender e expressar emoções, desenvolvendo a inteligência emocional e a empatia. Além disso,

a prática musical frequentemente ocorre em grupos, como bandas, coros ou orquestras, o que promove uma melhoria de habilidades sociais e a difusão de culturas.

Segundo(Taborda e Silva, 2021) A integração entre psicomotricidade e música proporciona uma variedade de benefícios ao indivíduo. Especialmente na fase da infância, em que todos os estímulos desempenham um papel essencial no desenvolvimento global, essa conexão tem o poder de aprimorar a percepção auditiva, o movimento e a consciência corporal, além de promover o desenvolvimento da linguagem oral e corporal. Essa interação contribui para o amadurecimento físico e motor, influenciando de maneira significativa nos processos relacionados à aprendizagem. Atividades que incorporam a música oferecem à criança oportunidades para desenvolver habilidades motoras, capacitando-a a refletir sobre e controlar seus movimentos com destreza e consciência corporal

Segundo (Moss, 2011) O número de crianças atendidas em escolas infantis vem aumentando devido às metas governamentais em todo o mundo que apontam que a escolarização pode reduzir as desigualdades sociais, tornando-se assim alvo de pesquisas.

Portanto, foi realizada a pesquisa intitulada "Música em movimento no berçário: potencializando o desenvolvimento integral", dos autores Rute Estanislava Tolocka, Kelly Cristina Freire Siqueira, Renato Mendes e Mayara Mascarenhas de Lima. As atividades consistiam em duas etapas: na primeira, ocorria a exploração livre dos materiais em conjunto com uma música; já na segunda, ocorria sem os materiais, estimulando os bebês a realizarem movimentos. Essas atividades estimularam a expressão corporal como forma de comunicação, e tanto pais quanto professores expressaram aceitação pelo programa.

"A alfabetização é um período da educação infantil que compreende uma fase de aprendizagem e descoberta em que a cada dia os estudantes se desenvolvem mais e se realizam em cada nova descoberta" (Lima, Jung, Silva, 2019, p. 1). A revisão de literatura desses autores mostra que a música pode ser usada para estimular os educandos durante o período de alfabetização, pois é uma maneira de tornar a aprendizagem mais entusiasmada e alegre. Além disso, o uso da música pode ser realizado nas mais variadas áreas do conhecimento, permitindo que o docente desenvolva temas como números, datas comemorativas, poesias, folclore, gramática, história e geografia. Como exemplificado na seguinte citação: "A música, os sons, as rimas, tudo auxilia no desenvolvimento da percepção sonora, que está diretamente ligada ao plano fonológico" (SARAIVA; PEREIRA, 2010, p. 148).

No entanto, a música como aspecto pedagógico não deve seguir uma abordagem militarizada, ou seja, uma abordagem de barbárie. Isso ocorre porque "A barbárie da educação reflete a barbárie social e as contradições postas pela própria natureza do Estado nesse contexto

de sistema econômico" (Santos, 2022, p. 1). Uma educação musical mais militarizada estaria vinculada ao patriotismo e ao simbolismo, tornando a aprendizagem da música fechada, com foco maior no aspecto instrumental, com o professor atuando como um maestro, utilizando muita teoria musical, solfejo e ditado rítmico, seguindo semelhanças com o processo de formação de músicos nos quartéis. A partir desse ponto, uma educação musical militarizada pode restringir a emancipação do ser humano e, conseqüentemente, atrasar seu desenvolvimento.

Além disso, as artes no espaço escolar vêm perdendo seu sentido como arte, pois ao se tornarem componentes das grades curriculares, elas foram moralizadas, intelectualizadas e relacionadas de modo simplista ao prazer hedonista. Isso ocorre devido ao atual momento da sociedade, que segue uma abordagem mercadológica. (Vigotski, 2001)

A abordagem Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS) é importante no cenário do ensino fundamental. Diante disso, foi realizada uma pesquisa em uma escola municipalizada em Duque de Caxias (RJ). Para o planejamento das oficinas, a música foi selecionada utilizando o site www.letrasdemusica.com.br. A canção escolhida foi "Lixo no Lixo" do grupo Falamansa. A segunda etapa consistiu na aplicação da oficina, com duração de três horas, envolvendo questionamentos sobre a letra da canção que priorizavam a discussão e reflexão do grupo, a interpretação da música e a relação com os conceitos sociocientíficos. O próprio estudo concluiu que "A oficina de música possibilitou uma prática docente mais dinâmica e desenvolveu nos discentes capacidades argumentativas e postura analítica acerca da ciência e tecnologia, contribuindo para o estímulo da alfabetização científica no primeiro segmento do Ensino Fundamental" (Dias, Messeder, 2017, p. 10).

METODOLOGIA

A - ABORDAGEM DA PESQUISA

Este estudo adota uma abordagem mista. A abordagem mista, conforme descrita por Cresswell (2010), é conceituada como uma combinação ou mesclagem tanto do método qualitativo quanto o quantitativo, assim ele propõe a obtenção de dados mais confiáveis e uma compreensão mais aprofundada desses dados.

B - NÍVEL DA PESQUISA EXPLORATÓRIO

A pesquisa adota o nível exploratório. Segundo Gil (2002) a pesquisa exploratória tem como objetivo principal proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa, visando aprimorar a formulação de questões e a identificação de variáveis relevantes, sem a preocupação imediata em fornecer respostas definitivas.

C - LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi conduzida na Universidade Estadual do Pará (UEPA) Campus XIII, localizado na cidade de Tucuruí- PA.

D - POPULAÇÃO E AMOSTRA:

A população-alvo compreende de 17 pessoas, na faixa etária entre 20 à 30 anos, do sexo masculino e feminino

E - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O meio de obtenção de dados é um questionário estruturado composto por 11 perguntas de resposta fechada. Segundo a definição fornecida pelo autor Creswell (2007) questionários fechados oferecem respostas pré-determinadas aos participantes, proporcionando consistência e facilidade na análise quantitativa. Ele destaca a utilidade desses questionários na obtenção de dados estruturados, contribuindo para abordagens de pesquisa mais objetivas e mensuráveis.

E duas perguntas com respostas abertas. Segundo Creswell (2007) caracteriza questionários abertos como instrumentos de coleta de dados nos quais os participantes são livres para responder em suas próprias palavras, sem restrições predefinidas nas opções de resposta. Totalizando 13 perguntas.

F - ANÁLISE DE DADOS:

A análise dos dados será realizada utilizando a plataforma Excel como ferramenta analítica. O Excel é um software amplamente utilizado para manipulação e análise de dados, oferecendo recursos avançados de cálculo, organização e visualização.

Nesta etapa da pesquisa, os dados coletados serão inseridos em planilhas do Excel, permitindo a organização sistemática das informações. Serão utilizadas fórmulas e funções do Excel para realizar cálculos estatísticos, como média, desvio padrão, frequência e correlação, a fim de obter insights e compreender os padrões presentes nos dados.

Além disso, o Excel oferece recursos gráficos poderosos que possibilitam a criação de gráficos e visualizações para representar os dados de forma clara e compreensível. Gráficos de barras, linhas, dispersão e de pizza podem ser gerados para destacar tendências, relações e distribuições nos dados.

A plataforma Excel também permite a realização de análises mais avançadas, como análise de regressão, análise de variância (ANOVA) e análise de séries temporais, através do uso de ferramentas estatísticas e complementos específicos.

Ao utilizar o Excel como ferramenta analítica, busca-se obter uma compreensão aprofundada dos dados coletados na pesquisa, identificar padrões e tendências, e fornecer uma base sólida para a tomada de decisões e conclusões embasadas nas informações obtidas.

Foram realizadas análises de conteúdo para as duas perguntas abertas do questionário. Essa técnica permitiu identificar e categorizar os temas, conceitos e padrões presentes nas respostas dos participantes. Através dessa análise, obtivemos uma compreensão mais aprofundada dos dados qualitativos coletados, proporcionando insights importantes para a pesquisa.

G - ASPECTOS ÉTICOS:

Este estudo seguirá as orientações éticas estipuladas pela Resolução CNS nº 510/2016, que estabelece as normativas para a condução de pesquisas envolvendo indivíduos. A obtenção do consentimento livre e esclarecido de todos os participantes será devidamente realizada através da aplicação de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este documento será redigido de maneira transparente e compreensível, apresentando informações detalhadas sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios associados à pesquisa.

Antes de assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os participantes terão a oportunidade de fazer perguntas e esclarecer dúvidas, assegurando que seu consentimento seja dado de maneira voluntária e informada. A privacidade, confidencialidade e integridade dos dados coletados serão cuidadosamente preservadas. Além disso, a pesquisa passará por uma avaliação prévia e aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), garantindo a conformidade com as normas éticas estabelecidas na resolução mencionada. O compromisso com o respeito aos direitos e ao bem-estar dos participantes é de extrema importância em todas as etapas deste estudo.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Gráfico 1 – Quantidade de alunos presentes por gênero em uma sala de aula no curso de educação física na Universidade do Pará

Qual seu gênero?
17 respostas

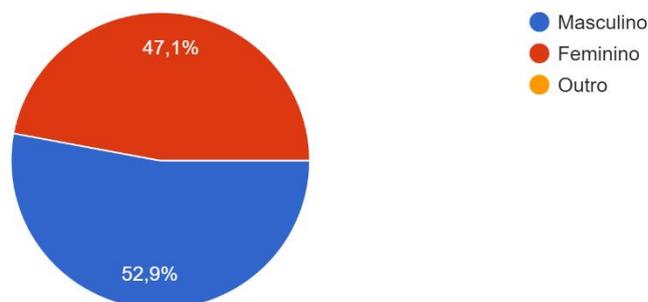
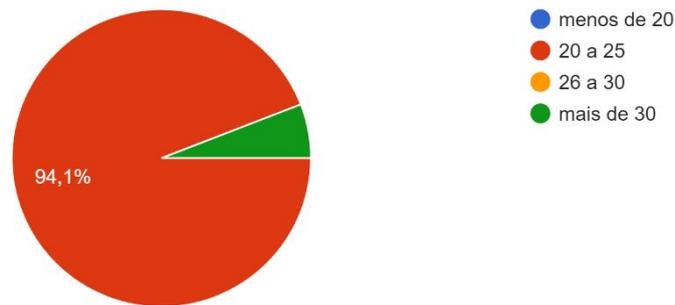


Gráfico 2 – Quantidade de alunos presentes por faixa etária em uma sala de aula no curso de educação física na Universidade do Pará

Qual sua idade?
17 respostas



Nos gráficos 1 e 2 pode-se traçar o perfil de quem participou da pesquisa, observa-se que são 17 respostas, ou seja, 17 alunos sendo 9 homens e 8 mulheres, além disso é possível ver que faixa etária condiz com uma sala de aula universitária do quarto semestre, pois não se tem alunos com menos de 20 e 94,1% são de 20 a 25, no entanto tem 1 aluno com mais de 30 anos.

Gráfico 3 – Pergunta sobre racismo com os alunos

Você acha que o é racismo frequente no Brasil?
17 respostas

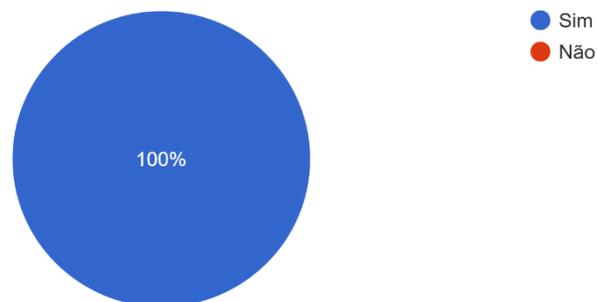


Gráfico 4 – Pergunta sobre práticas antirracistas com os alunos

Você já ouviu falar sobre práticas antirracistas?

17 respostas

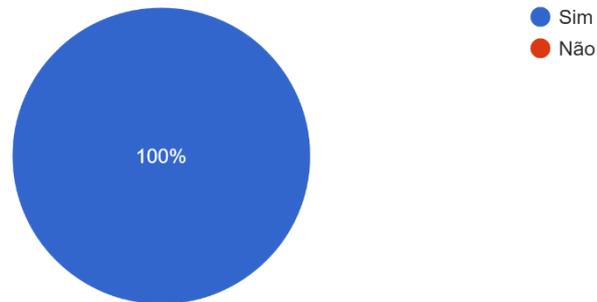
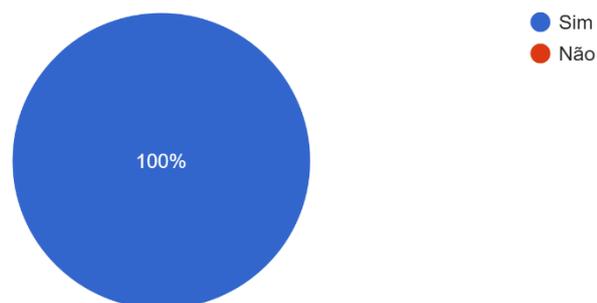


Gráfico 5 – Pergunta sobre se práticas antirracistas são importantes dentro de um contexto escolar com os alunos

Você acha que as práticas antirracistas são importantes dentro da escola ou universidade ?

17 respostas



O racismo moderno não se manifesta apenas através de atitudes individuais discriminatórias, mas está embutido em instituições, estruturas e práticas sociais. O racismo estrutural moderno, é muitas vezes indireto e opera por meio de mecanismos institucionais que perpetuam desigualdades raciais. (Silva, 2003)

Entretanto, vemos que gráfico 3 é possível notar que todos responderam “sim”, logo, os alunos percebem o racismo que muitas vezes as pessoas não conseguem notar.

De acordo com Almeida (2019), a educação tem o potencial de intensificar o racismo. Nesse contexto, percebemos a escola como um ambiente ambíguo, capaz tanto de reproduzir

preconceitos presentes na sociedade quanto de se tornar um local de consolidação de práticas antirracistas. Isso pode ser alcançado por meio de um conjunto de ações que visem, acima de tudo, romper com a estrutura de poder existente, a qual valida o racismo.

No gráfico 4 e 5 são perguntas sobre práticas antirracistas, e nas duas o “sim” foi 100%, ou seja, é notório que os alunos foram instruídos corretamente, pois é logicamente que alunos de uma universidade tem do curso licenciatura tem que ter no mínimo ter ouvido falar, então também é logico que as práticas antirracistas são de extrema importância. Porém se a pesquisa fosse em uma escola de ensino médio ou fundamental o resultado seria deferente.

Gráfico 6 – Pergunta se já escutaram alguma música que aborda o tema racismo

Já ouviu alguma música sobre esse tema?

17 respostas

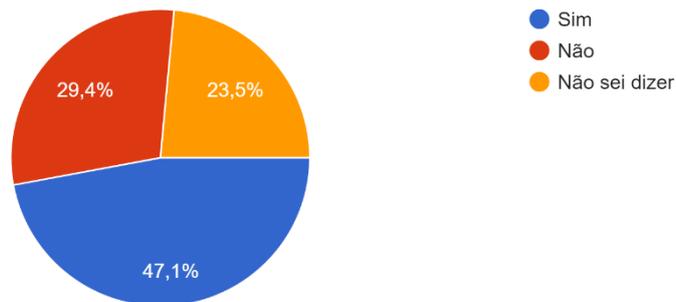
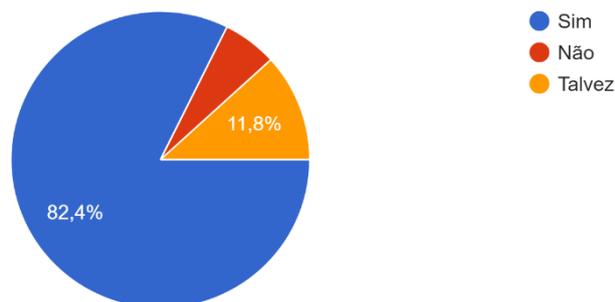


Gráfico 7 – Pergunta alguma música poderia ser utilizada como prática antirracista

Para você a musica serviria como uma prática antirracista?

17 respostas



É possível observar que nos gráficos 6 que está majoritariamente para a resposta “sim”. Isso se deve pois: Segundo (Andrade, 2021) As músicas têm o poder de retratar inclusive as discrepâncias sociais existentes nos diversos ambientes do Brasil. Embora abordem temas impactantes, as músicas proporcionam uma abertura para reflexões e análises críticas sobre as disparidades e a escassez de oportunidades existentes na periferia da maior metrópole do país.

No entanto há muitos que não sabem e que nunca ouviram músicas que abordam ao racismo, isso se dá por conta que os as músicas que estão no topo das paradas não abordam sobre tal pauta, entretanto no sistema escolar deveria ser abordado autores ou cantores clássicos como: Djavan, Jorge Ben Jor e Arlindo Cruz, então nota-se uma falha, ou por parte do sistema ou professor.

Já no gráfico 7, os alunos se mostraram bem a favor da música como prática antirracista, isso se dá por conta de os alunos terem estudado práticas antirracistas. Mas uma pequena parte se mostra contrária, então ou não sabem se realmente seria eficaz ou de fato não seria uma boa prática antirracista.

Gráfico 8 – Pergunta se os alunos já presenciaram “brincadeiras racistas

Você já presenciou "brincadeiras" racistas dentro da universidade ou escola?
17 respostas

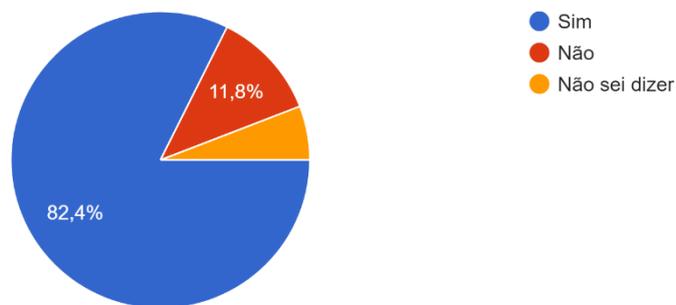
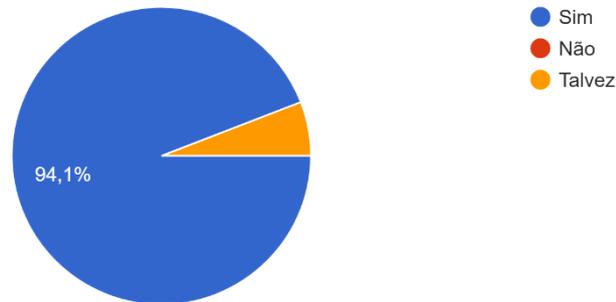


Gráfico 9 – Pergunta se “brincadeiras” feitas no âmbito escolar podem ser racistas

Você acha que "brincadeiras" feitas por alunos podem ser racistas?

17 respostas



A permanência do fenômeno conhecido como "racismo recreativo", conforme definido por Adilson Moreira (2019), refere-se à utilização de humor racista com a finalidade de disseminar representações estereotipadas associadas às minorias raciais. Esse tipo de humor busca, simultaneamente, diminuir essas comunidades e colocá-las em uma posição subalterna, enquanto contribui para a preservação do status cultural que beneficia um grupo racial dominante.

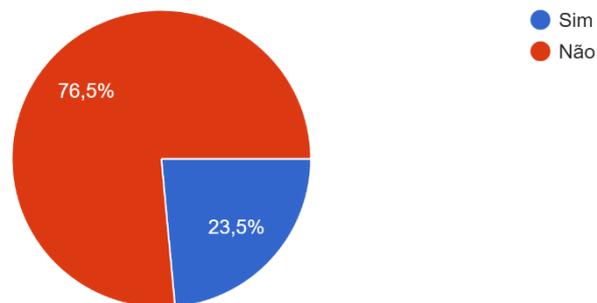
O gráfico 8 mostra que a maior parte dos alunos já presenciaram racismo no âmbito escolar essas “brincadeiras”, então observa-se que no ensino escolar devemos alertar a todos sobre tais brincadeiras racistas que seus filhos podem estar cometendo e tentar com a escola e professor erradicar. O gráfico 9 mostra de forma avassaladora que brincadeiras podem ser racistas, então temos alunos que sabem que o racismo está presente no âmbito escolar.

Então vemos como esse pode ser péssimo como ressalta (Oliveira, 2022) que ao longo da história, homens e mulheres negras têm expressado insatisfação em relação às experiências cotidianas nas escolas, seja em interações com professores, funcionários ou colegas. Muitos estudantes têm enfrentado um ambiente escolar hostil devido à disseminação do racismo nesse contexto. O cotidiano é muitas vezes opressor, com estudantes negros frequentemente se sentindo constrangidos devido a gestos, imposições, brincadeiras e piadas

Gráfico 10 – Pergunta com os alunos se eles têm conhecimento sobre a lei 7.716

Você tem conhecimento sobre a lei 7.716?

17 respostas



Aqui vemos uma falha no sistema educacional, pois uma lei tão importante como essa deveria ser conhecida. É a lei que criminaliza o racismo então, é onde os próprios alunos poderiam consultar para saber se sofreram racismo e assim saber seus direitos.

Houve duas perguntas abertas, “Qual sua sugestão de práticas antirracistas, que poderia ser utilizada na Universidade” e “ Qual sua opinião sobre essa atividade desenvolvida ? ”. Na primeira pergunta metade das respostas foram tiveram palestras ou rodas de conversas na respostas uma deles foi “ Uso de palestras para uma maior conscientização do público” em um outra resposta “Palestras de conscientização e apresentar figuras negras importantes que mudaram ou contribuíram para história”, como o questionário veio antes da apresentação e análise músicas de artistas negros, os alunos não tinham ideia, porém fizemos porém nessa resposta já mostramos logo após.

Outro tipo de respostas abordou a questão de repreensão “ Falar mais sobre o assunto e saber se impor sobre as brincadeiras mesmo que ela não seja comigo, mesmo que eu não seja uma pessoa preta” e Repreender piadas preconceituosas “, então aqui observa-se que muitas vezes as pessoas sabem que outras pessoas estão sofrendo racismo e não fazem nada para combater. Uma resposta interessante foi “ Além da semana da conscientização negra, outras práticas, como jogos ou brincadeiras de origens africanas, assim mobilizando um público sobre as brincadeiras e suas origens”, pois mostra que podemos fazer uma aula com brincadeiras africanas para conhecer melhor a cultura deles e deixar a aula divertida. Uma mudança estrutural educacional pode ser necessária segundo um aluno que diz “Disciplina voltada pra educação anti racista para os cursos de licenciatura”.

Já na segunda pergunta houve muitas respostas curtas, porém positivas como “ boa muito boa” , “ Eficaz”. Demonstra que foi uma abordagem boa, para exemplificar mais ainda teve duas respostas que disseram que foi uma boa alternativa, na mesma via uma outra resposta

mostra que não é tão bem conhecida essa abordagem música e combate ao racismo como vemos nessa resposta “Importante, pois eu nunca participei de uma atividade antirracista desenvolvida pela música”. Outra grande palavra inserida nas respostas foi importância “Muito interessante, toda atividade sobre esse tema é de suma importância”, “Importante, pois é sempre importante falarmos sobre o tema”, então vemos que só de falarmos sobre o combate do racismo já demonstra que é um tema importante, então logo urge que mais professores falem desse tema, para mostrar aos alunos que o tema é sim importante.

Entretanto tivemos uma resposta menos positiva “Buscaria outras formas de embasamento, sobre o presente tema. Entretanto, não deixa de ser uma via”, mostra que nem todos gostam desse tipo de abordagem.

CONCLUSÃO

Com base na pesquisa realizada, conclui-se o impacto das vivências de práticas antirracistas por meio da música entre universitários do curso de Educação Física proporcionou uma compreensão aprofundada sobre a percepção dos estudantes em relação a essas práticas.

Os objetivos específicos foram alcançados ao examinar a percepção dos universitários sobre as práticas antirracistas por meio da música, avaliou-se a efetividade das atividades utilizadas para as mudanças resultantes nas atitudes em relação ao racismo. A pesquisa também buscou responder a questões norteadoras, destacando o papel da música na conscientização e reflexão sobre o racismo fazendo com que houvesse um impacto na desconstrução de estereótipos raciais e na valorização da diversidade.

Os resultados desta pesquisa indicam que as vivências de práticas antirracistas por meio da música têm o potencial de contribuir significativamente para a formação de profissionais de Educação Física, pois a maioria dos alunos mostrou conhecimento acerca das práticas antirracistas e concordou que a música pode ser uma dessas. Então observou-se que a música pode ser uma prática antirracista se bem aplicada e adaptada para aquele contexto escolar que o professor se insere.

REFERÊNCIAS

DIAS, Greiciele; MESSENDER, Jorge. Harmonia entre a prática pedagógica de professores de ciências e a música popular brasileira: possibilidades para um ensino CTS. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 10, n. 1 (2017). Abr, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/5721>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

DE SOUZA ROCHA, B.; De Paula E Silva Andrade, L. A música como ferramenta antirracista no ensino de cartografia escolar. **Revista Ciranda**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 268–279,

2021. DOI: 10.46551/259498102021042. Disponível em:
<<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/4540>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

LIMA, Diandra; JUNG, Hildegard; SILVA, Loieuse. O uso da música na alfabetização: desenvolvimento integral. **Cadernos na pedagogia**, v. 13 n. 25 (2019): Dossiê "Práticas Pedagógicas e o fazer docente no Ensino Fundamental". Set, 2019. Disponível em:
<<https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1201>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

OLIVEIRA, Elissânia da Silva. **É só de brincando, tia!" racismo recreativo em apelidos, piadas e brincadeiras no ambiente escolar**. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

PEDERIVA, P. et al.. Os Signos Artísticos e a Educação Estética em Vigotski. **Educação & Realidade**, v. 47, p. e116929, 2022.

SANTOS, M. C. DOS .. Educação Musical Escolar em Tempos de Militarização e Barbárie. **Educação & Realidade**, v. 47, p. e117760, 2022.

TABORDA, Rosimeire Batista Sampaio; SILVA, Fabio Jose Antonio Da. A Relação Da Música Com O Desenvolvimento Psicomotor. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 373–385, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i4.974. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/974>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

TOLOCKA, R. E.; FREIRE SIQUEIRA, K. C.; MENDES, R.; De Lima, M. M. Música e movimento no berçário: potencializando o desenvolvimento integral. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, 2019. DOI: 10.5216/rpp.v22.51622. Disponível em:
<<https://revistas.ufg.br/fe/article/view/51622>>. Acesso em: 22 dez. 2023.